

# O RISCO DA CIRCOVIROSE EM PSITACÍDEOS NATIVOS DO BRASIL, REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Wellington Luiz Rodrigues<sup>1\*</sup>, Júlia Moreira Teodoro<sup>2</sup>, Flávia Ferreira Araújo.

<sup>1</sup>Discente no Curso de Medicina Veterinária – Universidade Salgado de Oliveira, campus Belo Horizonte - UNIVERSO – BH – Belo Horizonte/MG – Brasil – \*Contato: weluiz@yahoo.com.br

<sup>2</sup>Discente no Curso de Medicina Veterinária – Universidade Salgado de Oliveira, campus Belo Horizonte - UNIVERSO – BH – Belo Horizonte/MG – Brasil

<sup>3</sup>Docente no Curso de Medicina Veterinária – Universidade Salgado de Oliveira de Belo Horizonte – Universo BH – Belo Horizonte/MG – Brasil – \*Contato: flavia.araujo@bh.universo.edu.br

## INTRODUÇÃO

Uma das maiores diversidades de psitacídeos do mundo, se encontra no Brasil. Desde o descobrimento, os mapas brasileiros já evidenciavam a presença e riqueza desse grupo de aves, sendo considerado como “Terra dos Papagaios”. Os psitacídeos são identificados por apresentarem cabeça grande em relação ao corpo, pescoço reduzido, pés zigodáctilos, tarso-meta-tarso curto e, principalmente, por apresentarem bico grande, forte, alto e recurvado<sup>4</sup>. Também conhecida como Doença dos bicos e das penas dos psitacídeos (DBPP), é uma enfermidade crônica que causa deformidade nos bicos e garras e má formação nas penas. Mais de 40 espécies de psitacídeos foram diagnosticados com esta enfermidade. Teve sua primeira descrição na Austrália e acomete tanto animais selvagens quanto de cativeiro<sup>1-2-5</sup>.

A transmissão se dá por meio de contato direto com fezes, secreções e material biológico oriundo das penas<sup>1-2-3-5</sup>. A maioria de infecções por DBPP acometem aves jovens e/ou imunossuprimidas. De difícil diagnóstico e os sinais clínicos incluem: perda de peso, letargia, queda de penas em desenvolvimento, desenvolvimento anormal de novas penas, crescimento e alongamento anormal do bico e em alguns casos, eventual óbito<sup>3-5</sup>.

O vírus tem tropismo por células com alto índice de divisão mitótica. A apoptose visa facilitar a disseminação de célula para célula dentro dos tecidos, e a disseminação do vírus leva à desenvolvimento de viremia<sup>6</sup>. Atualmente, há no Brasil laboratórios comerciais que disponibilizam a PCR para a detecção do vírus da DBPP<sup>1</sup>.

Devido a sua forma assintomática, provavelmente alguns animais infectados oriundos de áreas de ocorrência da doença, podem ter sido levados para outros locais onde a doença não existia, já que ela foi encontrada em países da Ásia, Europa, África, América do Norte e América do Sul, Haja visto que os psitacídeos se mantêm em zonas tropicais, acredita-se que a DBPP foi introduzida a outras populações susceptíveis, tanto livres na natureza, ou de cativeiro, pelo comércio e tráfico mundial de aves para o mercado de aves de companhia<sup>1-2-3</sup>.

No Brasil, o primeiro relato de caso positivo para circovírus foi assinalado em *Cacatua alba* com descrição de distrofia simétrica e perda de penas<sup>5</sup>.

## METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada tanto por meio de literatura física quanto eletrônica, buscando dados para compor esta revisão.

## DISCUSSÃO

Pela diversidade de espécies de psitacídeos de ocorrência no Brasil, há uma grande preocupação na prevenção da disseminação do vírus por aves reintroduzidas, já que pode ocorrer de forma assintomática, o que acarretaria grande prejuízo ecológico. Não há imunoprofilaxia para a DBPP e o tratamento se limita ao isolamento de indivíduos infectados e antibioticoterapia para supressão de infecções secundárias.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aves exóticas mantidas sob cuidado humano, sem avaliações e cuidados periódicos por médicos veterinários, são possíveis portadoras de doenças que podem ser transmitidas à fauna nacional. O cuidado com aves mantidas em cativeiro, para que não ocorra disseminação da doença, se faz imperativa. A busca por meios profiláticos para o controle da DBPP deve evoluir muito nos próximos períodos. Isso devido às novas técnicas que surgiram com o avanço da imunologia nos últimos tempos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALLGAYER, M. C.; PEREIRA, R. A. Doenças virais em psitacídeos. In\_\_\_\_. CUBAS, Z. S.; SILVA, J. C. R.; CATÃO-DIAS, J. C. Tratado de Animais Selvagens, Medicina Veterinária, 2a ed. ROCA, 2020. p. 1337-1352.
2. ARAUJO, A. V. Doença do bico e das penas: avaliação em psitacídeos nativos apreendidos em Minas Gerais. 2011, 58 f. Dissertação de Mestrado –Departamento de Ciência Animal. Escola de Veterinária da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte / MG. 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BU-BD-8ZTJYZ> Acessado em: 20/11/2022.
3. GERLACH, H. Viruses. In\_\_\_\_: RITCHIE, B. W.; HARRISON G.J.; HARRISON L. R. Avian medicine: principles and application. Wingers Publishing Inc. Florida, 1994. p. 894-903. Disponível em: <https://avianmedicine.net/wp-content/uploads/2013/03/32.pdf> Acessado em 19/11/2022.
4. SICK, H. Ornitologia brasileira. Nova Fronteira, 914 p. 1997.
5. WERTHER, K.; RASO, T. F.; DURIGON, E. L.; LATIMER, K. S.; CAMPAGNOLI, R. P. Description of the first case of psittacine beak and feather disease in Brazil. Proceedings of the International Virtual Conferences in Veterinary Medicine:

Diseases of Psittacine Birds, p.7, 1998.  
Disponível em:  
<http://www.vet.uga.edu/ivcvm/vpp/1998/werther/index.php> Acessado em: 20/11/2022.